

# De menina à mãe: gestação de adolescentes é desafio para a família e a escola

*Por Júlia Brito*

Alice Filgueras engravidou em 2015, aos 15 anos e teve uma menina que completou dois anos em 2017. Diferente de muitos casos de gravidez precoce, ela terminou a escola e pretende cursar a universidade. Um dos motivos que a fizeram persistir nos estudos: apoio da família. Hoje, aos 17 anos, Alice fala sobre como o apoio dos familiares foi importante para superar o choque de descobrir que teria um filho quando já estava no quarto mês de gestação.

É considerada gravidez na adolescência toda gestação que acontecer antes dos 21 anos de idade. Segundo os dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus) de 2016, “um a cada cinco bebês nascidos por ano é filho de mãe adolescente”. Essas ocorrências de gravidez precoce são mais frequentes na região Nordeste do país, principalmente, com meninas que fazem parte de grupos de maior vulnerabilidade social e com baixa escolaridade, de acordo com o programa para juventude do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA).

Na Paraíba, o número de adolescentes grávidas caiu 22,3% entre 2004 e 2015, de acordo com o Ministério da Saúde. Essa queda se deve a expansão do programa Saúde da Família, mais acesso a métodos contraceptivos e ao programa Saúde na Escola.

## **Evasão escolar**

A evasão escolar é uma das consequências acarretadas pela gravidez precoce. Até o ano passado, de acordo com o

estudo Aprendizagem em Foco, do Instituto Unibanco, apenas 2% das meninas que engravidaram durante a adolescência terminaram o ensino médio. A gestação precoce é um fator que eleva em quase quatro vezes o risco de evasão escolar entre as mulheres.

É o caso de Cibele Soares, que engravidou aos 19, depois de passar uma semana sem usar a pílula anticoncepcional. Ela parou de estudar no 9º ano do ensino fundamental. Isso confirma os dados da pesquisa feita pelo Centro de Referências em Educação Integral em parceria com o Ministério da Educação, a Organização dos Estados Ibero Americanos (OEI) e a Faculdade Latino-Americana de Ciências (Flacso). Os índices mostram que 18,1% das meninas entrevistadas, que tinham em 15 e 19 anos, apontaram a gravidez precoce como motivo para deixar a escola.

Assim como Alice, Cibele pretende terminar a escola, desde que alguém possa ficar com a filha enquanto ela está na aula e, futuramente, cursar a universidade. Apesar de ter o apoio da mãe e do namorado, pai do bebê, ela diz que sofreu com o afastamento de alguns amigos.

## **Riscos**

Uma vez que a gravidez se desenvolve, o corpo da menina se adapta ao bebê. Diferente do que se pensa, o fato de o corpo de uma criança ou adolescente não ser totalmente desenvolvido não é um risco, nem para o bebê nem para a mãe. A possibilidade de consequências psicológicas, como depressão pós-parto, é que é maior, pois na maioria dos casos é uma gestação não-planejada. “Há uma vulnerabilidade muito grande da mulher no pós-parto. Então se ela não tem um equilíbrio psicológico, uma maturidade ela vai estar mais exposta a uma depressão, ela

precisa do apoio do parceiro e da mãe ”, recomenda a ginecologista.

Uma outra preocupação é o parto em si. Segundo a ginecologista Gilka Paiva, a cesariana pode danificar o útero, acarretando riscos para futuras gestações e, por isso, o parto normal é mais indicado. *Ouçá a explicação da médica:*

## **Prevenção**

Uma das formas de prevenção é o diálogo entre os pais e seus filhos. Muitas vezes a falta de comunicação é um risco também durante a gravidez. Se a adolescente não fala com os pais sobre formas de prevenção, provavelmente não irá falar que está grávida. O apoio da família ajuda nos cuidados durante o período do pré-natal.

De acordo com a ginecologista Gilka Paiva, o apoio da família, mais especificamente da mãe, é um fator de prevenção da gravidez na adolescência. Ela pode ajudar a filha com informações sobre contracepção, e também na prevenção de uma outra gravidez, desde que a avó não assuma o papel de mãe do bebê.

A camisinha ainda é o meio contraceptivo mais indicado, pois além de prevenir a gravidez, também protege contra as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Porém, métodos contraceptivos de longa duração são, de acordo com a ginecologista, métodos ideais devido a consistência no uso. O dispositivo intrauterino, mais conhecido como DIU, no modelo de cobre, por exemplo, fornece proteção por até dez anos e tem a eficácia semelhante à de uma laqueadura.

É também importante que os atendentes dos serviços de saúde se adaptem às adolescentes, já que algumas delas

vão procurar atendimento ou contraceptivos sozinhas. É importante que elas sejam recebidas e instruídas a se proteger ou fazer o pré-natal mesmo que não estejam acompanhadas dos pais, responsáveis ou do parceiro. É importante desconstruir tabus em relação a sexualidade feminina, facilitando o acesso a camisinhas para elas também e dando a oportunidade de diálogos sobre iniciação sexual e formas de prevenção.